

Bolsonaro e militares ficam em silêncio ao depor à PF



O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) deixa sua casa na manhã desta quinta (22). Gabriel Brito/Polymers

Bolsonaro e generais se calam; Valdemar e Torres destoam e falam à PF

Defesas de ex-chefe do Executivo e de militares adotam mesma estratégia e pedem acesso à íntegra de investigação contra clientes

Cézar Feitoza e Marianna Holanda

BRASÍLIA O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e militares aliados da Polícia Federal ficaram em silêncio durante depoimento nesta quinta-feira (22) sobre a investigação de planos discutidos no fim de 2022 para um golpe de Estado contra a eleição de Lula (PT) à Presidência da República. A estratégia de se manter calado havia sido antecipada pela defesa de Bolsonaro, sob a justificativa dos advogados de que não tiveram acesso a todos os documentos obtidos pela investigação, como depoimentos do ex-ajudante de ordens Mauro Cid no âmbito da delação premiada.

Destacaram, porém, o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, o ex-ministro da Justiça Anderson Torres e o assessor direto de Bolsonaro Tércio Arnaud. Eles responderam às perguntas feitas pela PF.

Ex-ministros, ex-assessores, militares e aliados de Bolsonaro foram intimados a prestar esclarecimentos no mesmo horário. No total, 20 pessoas. Só em Brasília, 13.

A defesa do ex-presidente pediu três vezes ao STF (Supremo Tribunal Federal) para adiar a data da oitiva de Bolsonaro. O ministro Alexandre de Moraes, relator do caso, negou os três pedidos.

Bolsonaro chegou à sede da PF em Brasília por volta das 14h22, 10 minutos antes do horário marcado. Com a decisão dele de se manter em silêncio, o depoimento foi encerrado pouco depois.

A maioria dos investigados adotou a mesma decisão e permaneceu calado. A defesa do general Briga Neto disse que solicitou o "acesso absoluto e integral à toda investigação para que possa prestar os devidos esclarecimentos".

Os generais Augusto Heleno, Mario Fernandes e Paulo Sérgio Nogueira, o ex-comandante da Marinha Almir

Garnier Santos e outros militares alvos da investigação também ficaram em silêncio.

Já a defesa de Valdemar Costa Neto disse que ele "respondeu a todas as perguntas que lhe foram feitas". A de Torres afirmou que o ex-ministro "respondeu serenamente a todas as perguntas que lhe foram formuladas".

Anderson Torres esclareceu todas as dúvidas em relação aos fatos investigados e afirma sua disposição para cooperar com as investigações, afirmaram os advogados, em nota. O ex-ministro acredita na Justiça e confia nas instituições brasileiras.

O assessor para assuntos internacionais do governo Bolsonaro, Filipe Martins, negou o depoimento e entregou a minuta de teor golpista para o ex-presidente. Ele, porém, não respondeu às perguntas.

O advogado de Bolsonaro, Paulo Bueno, disse nesta que a defesa não teve acesso a todos os elementos das imputações contra o ex-presidente, o que motivou o silêncio. Ele também afirmou que o ex-presidente "marcou simpático a movimento golpista".

"Esse silêncio, quero deixar claro, não é simplesmente o uso do direito constitucional, mas estratégia baseada no fato de que a defesa não teve acesso a todos os elementos que estão sendo imputados ao presidente a prática de certos delitos".

O advogado completou: "A falta de acesso a esses documentos, especialmente às declarações do tenente coronel Mauro Cid, e as mídias eletrônicas obtidas pelos celulares de terceiros e computadores impedem que a defesa tenha o mínimo conhecimento de por quais elementos o presidente é convocado para este depoimento".

Também apresentaram esclarecimentos o coronel Bernardo Romão Correa Neto, que está preso, e o assessor de Bolsonaro Tércio Arnaud, que

respondeu a cerca de 150 perguntas dos investigadores. Os depoimentos dos dois duraram pouco menos de 6 horas.

O coronel da reserva Marcelo Camargo, auxiliar do ex-presidente, acabou não depoendo. Ele tem os mesmos advogados de Tércio, e o depoimento dele começou enquanto seus defensores ainda estavam auxiliando o outro investigado na oitiva.

Camargo ficou, portanto, sem advogados para o auxiliar no depoimento. A Polícia Federal considerou o caso como uma opção de militar pelo silêncio e não o chamou para depor novamente.

A PF investiga as tratativas por um golpe de Estado desde que encontrou na casa do ex-ministro da Justiça Anderson Torres, em janeiro de 2023, uma minuta de decreto para Bolsonaro instaurar estado de defesa na sede do TSE (Tribunal Superior Eleitoral). O objetivo seria reverter o resultado da eleição.

Com a delação de Mauro Cid e as provas obtidas em outras operações, a PF chegou à conclusão de que Bolsonaro teve acesso a versões da minuta golpista (não a mesma que estava com Torres).

De acordo com as investigações, ele chegou a pedir modificações no texto e apresentar a proposta aos chefes militares, para sondar um possível apoio das Forças Armadas à empreitada.

A primeira versão do texto teria sido apresentada a Bolsonaro pelo seu assessor de assuntos internacionais, Filipe Martins, e o padre José Edmar do de Oliveira e Silva numa reunião no Palácio da Alvorada em 19 de novembro de 2022.

Segundo a PF, o jurista Amurri Feres Saad também teria participado das discussões sobre a minuta golpista apresentada a Bolsonaro. O texto desafiava uma série de supostas interferências do Poder Judiciário no Executivo — os chamados "consideran-

DECIDIRAM SILENCIAR

Jair Bolsonaro, ex-presidente

General Augusto Heleno, ex-ministro do GI

General Mario Fernandes

General Paulo Sérgio Nogueira

Ex-comandante da Marinha Almir Garnier Santos

Filipe Martins, ex-assessor de Bolsonaro

FALARAM À PF

Anderson Torres, ex-ministro da Justiça

Valdemar Costa Neto, presidente do PL

Tércio Arnaud, assessor de Bolsonaro

Coronel Bernardo Romão Correa Neto

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política Caderno: A Pagina: 4